



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020**

### **“A HISTÓRIA QUE NÓIS SOFREU”: ATUAÇÃO FEMININA NAS LUTAS SOCIAIS DO SUBMÉDIO DO SÃO FRANCISCO (1968-1994)**

**Joana Clara Silva Santiago<sup>1</sup>; Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: joanaclarasantiago@gmail.com
2. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: clovisramaiana@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Chesf, mulheres, lutas sociais

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo investigar, registrar e discutir a história da atuação de quatro mulheres nas lutas sociais do Submédio do São Francisco, durante o período de implementação e manutenção das barragens da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) correspondente aos anos de 1968-1994, tempo em que houve conflitos devido a imposição do barreamento da CHESF sem as devidas contrapartidas às famílias trabalhadoras. Buscamos analisar o papel das mulheres na organização do trabalho no período pré-barragens; discutir o papel delas na organização da luta por direitos na região estudada; compreender os significados da representação da luta feminina nessa experiência. Discutimos também como a utilização da oralidade se torna fundamental para o estudo da temática voltada para o feminino.

A história da implantação da CHESF é vestida por uma narrativa monumentalizada que a trata como a chegada da “bem aventurança” na região do Submédio que a partir desse marco passaria a ter sentido, progresso e desenvolvimento. O sertão enquanto cenário potencial de produção energética e geradora de base lucrativa, tornou-se palco para disputas: os conflitos resultantes das diferenças de interesse entre a população nativa ribeirinha, camponesa e indígena, e a prática política capitalista do Estado representado pela CHESF; como também, disputas que ultrapassam o espaço físico e se manifestam no âmbito da memória, das narrativas sobre um mesmo processo que resultou em impactos diferente.

A CHESF preocupou-se em narrar sua própria história ao se pautar na narrativa propagandista do desenvolvimento sertanejo, o que antes parecia se mostrar inédito, a

propaganda enquanto caminho para a positivação da inserção e continuação das obras estatais. De maneira geral a história “oficial” produzida pela CHESF apresenta os aspectos ponderados acima, o que contribuiu para abertura de lacunas sobre o impacto e vivência dos trabalhadores da região que contribuíram para a construção das usinas; sobre moradores e atingidos por barragens; indígenas que ainda mais intensamente, possuíam uma relação diferente com a terra; e as mulheres.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Utilizamos nesta pesquisa como principal ferramenta a história oral, importante ressaltar que a preocupação do pesquisador sobre suas fontes devem ser as mesmas sendo elas escritas ou faladas, distorcer uma fonte é uma possibilidade independente de sua forma, cabe ao pesquisador desenvolver interpretações e argumentações cabíveis. A diferença que a história oral apresenta é o alargamento do raio de sujeitos a serem estudados pela historiografia, tendo em vista, que a historiografia historicista por um longo tempo dominou o campo da pesquisa e os documentos oficiais e seus sujeitos foram centrais para a hegemonia de narrativas. Escolhemos a história oral por entender a historiografia enquanto resultado de práticas patriarcais da sociedade, em que nos documentos oficiais há ausência de mulheres.

Partimos do conceito de experiência desenvolvido pela abordagem teórica da história social de E. P. Thompson<sup>1</sup>, em que percebe dentro desse conceito o movimento dialético entre o que fora vivido, as relações sociais, o entendimento temporal passado-presente, os valores, a cultura, como forma de expressar o ser social. A experiência vivenciada como forma de perceber dentro de um contexto como os sujeitos se entendem dentro de uma sociedade e como motivados por sentimentos e sentidos, movimentaram lógicas econômicas, sociais e culturais.

Para encerramos a discussão sobre o método, destacamos que há muitas fontes a serem pesquisadas e catalogadas nos acervos do Polo Sindical do Submédio do São Francisco e do arquivo pessoal de Alcides Modesto<sup>2</sup>, devido ao cenário pandêmico nosso raio investigativo precisou ser diminuído a quatro entrevistas que já compunham nosso catálogo.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

---

<sup>1</sup> THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>2</sup> Sindicalista, ex padre e ex deputado federal atuante no movimento das lutas sociais contra a chegada das barragens na região do Submédio, membro fundador do Polo Sindical.

Dialogaremos com as entrevistas de Maria Pureza dos Santos<sup>3</sup>, negra, antiga moradora do sítio da Raposa em que fora tomado pelas águas da barragem de Moxotó na década de 70; Maria do Socorro Moura Lopes<sup>4</sup>, professora, religiosa, fundadora do PT (Partido dos Trabalhadores) em Paulo Afonso; Maria Conceição dos Santos Coelho<sup>5</sup>, mulher branca, uma das professoras fundadoras das escolas Casa da Criança em Paulo Afonso-BA, religiosa, esposa de Alcides Modesto e responsável por organizar o seu acervo, guardando assim, parte significativa das memórias necessárias para a história das lutas sociais do Submédio do São Francisco; e Josefa Alves Lopes<sup>6</sup>, mulher branca, uma das fundadoras do Polo Sindical de Petrolândia, liderança religiosa e assistente social.

A partir das falas de nossas depoentes, discutimos seus conceitos e representações acerca do trabalho, política e religião e percorremos as histórias de nossas entrevistadas pontuando que seus aspectos de feminilidade não foram limitadores da ação política, pelo contrário foram mobilizadores.

Podemos analisar ao longo do trabalho como a participação feminina em diferentes ações do Submédio do São Francisco não se deu deslocada de lutas femininas e feministas ao longo do mundo e do Brasil, o que nos faz perceber que não há ausência das mulheres nas esferas sociais, o que há, é ainda um reduzido olhar investigativo voltado a temática. Ressaltamos a importância do método da oralidade enquanto essencial para o registro do impacto causado pela CHESF na região do Submédio. Apesar do contexto mundial pandêmico, pudemos nos aproximar mais das depoentes outrora já apresentadas no primeiro trabalho dessa pesquisa, e perceber aspectos das suas construções narrativas que carregam em comum a afetividade e memória sobre pessoas mais que eventos, o que nos permite o debate sobre feminilidade; detalhismo quanto aos eventos narrados; comparações temporais entre o ontem e o hoje; o retorno a figura

---

<sup>3</sup> SANTOS, Maria Pureza. Maria Pureza dos Santos: depoimento [mar. 2017]. Entrevistador: equipe do projeto de pesquisa “um Rio de Lutas”. Acervo digital do projeto Rio de Lutas/LABELU – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

<sup>4</sup> LOPES, Maria do Socorro Moura Lopes. Depoimento [set. 2015]. Entrevistador: equipe do projeto de pesquisa “um Rio de Lutas”. Acervo digital do projeto Rio de Lutas/LABELU – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

<sup>5</sup> COELHO, Maria Conceição dos Santos. Maria Conceição dos Santos Coelho. Depoimento [jul. 2019]. Entrevistador: equipe do projeto de pesquisa “um Rio de Lutas”. Acervo digital do projeto Rio de Lutas/LABELU – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

<sup>6</sup> LOPES, Josefa Alves. Josefa Alves Lopes: depoimento [jun. 2013]. Entrevistado: equipe do projeto de pesquisa “um Rio de Lutas”. Acervo digital do projeto Rio de Lutas/LABELU – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

materna. São estes, elementos que contribuem para futuras pesquisas que tenham a oralidade enquanto ferramenta aliada ao estudo sobre as mulheres.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Nas entrevistas não percebemos elementos suficientes para aprofundarmos a temática de raça a não ser as especulações já presentes nesse trabalho. Quanto temática de classe consideramos a leitura de Francisco de Oliveira debatida na introdução quando ressalta que as condições de desenvolvimento regional ampliaram e demarcaram os conflitos de classe intra-regional compreendemos nossas depoentes no espectro das classes inferiores. Enquanto possibilidades para continuidade dessa pesquisa elencamos a necessidade de ampliação do perfilado para maior registro de memória e história possível; compreensão mais aprofundada da relação das mulheres nordestinas e a religiosidade; explorar a perspectiva masculina sobre as mulheres que fizeram parte das lutas sociais do Submédio do São Francisco.

### **REFERÊNCIAS**

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

GOLDMAN, Wendy. **A libertação das mulheres e a Revolução Russa**. In: JINKISN, Ivana e DORIA, Kim. *1917: O Ano que Mudou o Mundo*. São Paulo, SESC: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. I, 2ª. ed. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1988, pp. 828-882.  
MOREIRA, Alberto. **Democracia e direitos humanos no Brasil: as contribuições da teologia da libertação**. Caminhos: Goiânia, v. 14, n. 1, p. 207-221, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflitos de classes**. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PERROT, Michelle. **As mulheres, o poder, a história**. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SILVA, João Victor dos Santos. **O povo versus a “Besta-Fera”: o Polo Sindical dos Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco -Pe/Ba - na organização do movimento dos trabalhadores ribeirinhos atingidos pela barragem de Itaparica – BA/PE – (1976-1986)**. 2018. 251 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SILVA, João Victor dos Santos. **Luz e sombra: uma análise da história escrita da CHESF no Submédio São Francisco e a tessitura de uma história única.** 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres.** Dourados-MS: UFGD, 2014. 63 p.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIANNA, Claudia Pereira. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente.** In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.* Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

WALLERSTEIN, I. **Capitalismo histórico e civilização capitalista.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.